

# Registro de Experiências



Foto do arquivo DIVCO-UFU

Conferência do Programa de Formação Continuada em Educação Popular da Universidade Federal de Uberlândia - 2001

## ÉTICA, CIDADANIA E RELAÇÕES RACIAIS: CONSTRUINDO NOVAS RELAÇÕES HUMANAS NAS ESCOLAS DE UBERLÂNDIA

Jorgetânia da Silva Ferreira<sup>1</sup>

O objetivo do presente texto é relatar o trabalho desenvolvido nas oficinas do curso *Ética, Cidadania e Relações Raciais*, promovido pela Prefeitura Municipal de Uberlândia, por meio da COAFRO (Coordenadoria Municipal Afro-Racial) e da Secretaria Municipal de Educação, em parceria com a Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Ministério da Justiça e o Ministério da Educação. O curso contou com o apoio da Universidade Federal de Uberlândia, do Centro de Estudos de Relações do Trabalho e das Desigualdades - SP (CEERT) e da Câmara Municipal de Uberlândia, e também integrou o Programa *Paz nas Escolas* do Ministério da Justiça, sendo adaptado para focar a questão racial. Também os órgãos municipais envolvidos perceberam que a evasão e o fracasso escolar incidem mais sobre os estudantes negros e que a discriminação é uma forma de violência.

O curso *Ética, cidadania e relações raciais* ocorreu de novembro de 2002 a março de 2003 e foi composto de seminários (momentos coletivos com palestrantes), oficinas (para um grupo de até 40 alunos) e atividades não presenciais. Com carga horária total de 120 horas, o curso possibilitou aos professores envolvidos uma formação complementar gratuita. As oficinas aconteceram em 5 semanas, num total de 40 horas presenciais, e foi espaço privilegiado de reflexão, com objetivo de contribuir para a superação do racismo e do preconceito nas escolas de Uberlândia.

Passamos a relatar as principais experiências e reflexões realizadas ao longo desses dias.

### Oficina 1 – Ética e cidadania são aprendidas na escola

A primeira semana foi um momento de formação do grupo, apresentação do programa, do projeto e das organizações envolvidas. Além disso, procuramos trabalhar os conceitos de ética e cidadania. Para trabalhar ética, usamos o vídeo “Ética” o qual mostra a importância da ética ser experimentada no ambiente escolar e não apenas ser ensinada de forma abstrata. Não adianta o professor ensinar o que seja democracia se permanecer autoritário. Faz-se necessário apropriar-se de valores como justiça, dignidade, igualdade, respeito mútuo, e fazer da escola e da sala de aula espaços privilegiados para a experimentação de novas relações humanas. O vídeo “Ética” permite perceber ainda, que a moralidade é histórica, que ninguém nasce bom ou mal, justo ou injusto, solidário ou egoísta e que a ética se aprende. Nesse sentido, Paulo Freire defende:

*[...] Não é possível pensar os seres humanos longe, sequer, da ética, quanto mais fora dela. Estar longe ou, pior, fora da ética, entre nós, mulheres e homens, é uma transgressão. É por isso que transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando (FREIRE, 2000, p. 36).*

No que se refere à cidadania, a discussão se baseia na ideia de que esta se refere aos direitos dos cidadãos conquistados historicamente. Buscou-se afastar a noção de cidadania restrita a participação política, para compreendê-la numa dimensão maior, qual seja, a conquista

<sup>1</sup> Doutoranda em História pela PUC-SP, coordenadora da Associação Educacional Paulo Freire.

de direitos sociais e econômicos como moradia, emprego, saúde, educação.

A discussão sobre ética e cidadania apontou a necessidade de uma educação inclusiva que dê visibilidade a todos os sujeitos, como foi proposto pelo curso. Apontou ainda a necessidade da diversidade ser vista como riqueza, como possibilidade do exercício do respeito mútuo. A introdução da temática racial se deu, nessa semana, a partir do artigo “Raça e Educação” de Sueli Carneiro:

*O racismo e a discriminação produzem exclusões na esfera educacional: nas possibilidades de adentrar e concluir os ciclos formais de escolaridade; de ver reconhecida e valorizada a diversidade das contribuições dos diferentes grupos étnicos e raciais e suas culturas no patrimônio da humanidade (CARNEIRO, 2001, p. 122).*

### Oficina 2 – As múltiplas dimensões da educação escolar

Na segunda semana, trabalhamos com as trajetórias escolares dos participantes da oficina. O objetivo dessa atividade foi pensar a influência da trajetória escolar na prática do professor. Esse foi um momento muito rico, pois os participantes relataram suas lembranças escolares, algumas curiosas, engraçadas, e outras marcadas pelos preconceitos: entre outros, racial, econômico, origem rural, por ser “gordinha”, idade. Foram relatos marcantes de situações de crueldade e de situações que os/as participantes consideraram injustas.

Nessa atividade, utilizamos também trechos do livro de Frei Betto **Alfabeto: autobiografia escolar**, na qual o autor recorda sua trajetória escolar. Um trecho significativo para o nosso trabalho foi “Devoções”, em que Frei Betto narra a escolha de uma aluna negra para a coroação de Nossa Senhora, e o debate que a presença da aluna negra causou (BETTO, 2002, p. 85). O relato de Frei Betto propiciou a discussão da discriminação sofrida por crianças negras no ambiente escolar, especialmente nas atividades comemorativas. Uma professora participante da oficina relatou uma experiência em que uma criança não representou Jesus por ser negra. Outro professor lembrou que na zona rural onde trabalha, nas festas juninas, as crianças negras, muitas vezes, ficam sem par. A partir dos relatos, o grupo concluiu que há necessidade de estarmos atentos (as) à questão racial nas festividades e colocar, também, crianças negras em posições de destaque na escola, possibilitando a pluralidade étnica, de gênero e de classe social.

O grupo concluiu, ainda, que as trajetórias escolares influenciam muito a prática do professor, seja como inspiração na prática dos “bons” professores, seja na não repetição dos erros dos “maus” professores. Em todo caso, nos momentos de dificuldade, há uma tendência de repetição de práticas antigas, muitas vezes, autoritárias, pela falta de algo consistente e eficiente para se colocar no lugar.

Nesta segunda semana, também utilizamos o vídeo “A Função Social da Escola” (Fita I), que retrata os desafios da escola no cumprimento de sua função social, defendendo que a educação escolar deve contribuir para a formação do ser humano em suas múltiplas dimensões, no trabalho, na vida afetiva, na participação política:

*A educação escolar tem como finalidade principal a formação integral do cidadão, incluindo-se nessa educação o preparo para viver em uma sociedade democrática, compreendendo os princípios éticos que devem regular o convívio social nas mais diversas situações (Programa de Desenvolvimento profissional continuado: ética e cidadania no convívio escolar, 2001, p.31).*

Para que a escola possa cumprir sua função social os participantes defenderam que as universidades devem incluir em seus currículos a História da África e trabalhar de forma mais

adequada a história dos afro-descendentes para que a mesma não permaneça restringida à experiência da escravização. Dessa forma, conforme propõem os participantes do curso, os professores estarão melhores preparados para superar o preconceito e a discriminação.

### Oficina 3: Nossos alunos: quem são eles? Como se vêem e como os vemos?

Para pensar a respeito da realidade dos nossos alunos, apresentamos o vídeo “Desatando os nós com afeto” (Fita II). Esse filme faz uma crítica aos cursos de formação de professores que, geralmente, apresentam um aluno como sendo o ideal: bem nutrido, boas posses, família “estável”, preocupada com a formação do filho. O aluno que foge ao “padrão” é visto como problema e não como realidade.

*Para alguns alunos, o fracasso escolar deixa de ser uma consequência do processo educativo, para tornar-se uma predição do futuro. Já no primeiro dia de aula, algumas crianças são desencorajadas a prosseguir os estudos, diante da baixa expectativa que têm delas, por serem do bairro ‘x’, filhos da família ‘y’, da cor ‘z’ (Projeto do Curso, Uberlândia, 2002, p. 8).*

A proposta do curso e os debates acerca da ética e da cidadania mostraram a imperiosa necessidade de trabalharmos para que todos possam aprender. Superar o preconceito exige o reconhecimento de que ele existe. Não adianta escamotear o conflito e, sim, aproveitar as oportunidades, os problemas que aparecem na escola e na sala de aula para trabalhar a situação de forma adequada. Além disso, é preciso compreender que

*[...] os preconceitos são superados pelo conhecimento. É preciso conhecer os alunos, ao invés de rotulá-los. (Projeto do Curso, Uberlândia, 2002, p. 8).*

Na medida em que os(as) professores(as) estiverem convencidos(as) de que a diferença não significa nenhuma hierarquização em termos de inferior/superior, melhor/pior, terão melhores condições de contribuir para que todos os seus alunos possam aprender, a partir da diversidade e da diferença.

Outra forma de combater o racismo na educação refere-se ao cuidado na escolha do livro didático. Muitas vezes, o livro traz o negro de forma estereotipada. Ao lado disso, deve-se aproveitar todo material existente para construir a contra hegemonia da imagem negativa do negro. Nesse sentido, é significativa a contribuição do livro **Superando o racismo na escola**, organizado pelo professor Kabengele Munanga (2000), que traz resultados de pesquisas e sugestões práticas para o professor enfrentar o racismo na sala de aula.

Nesta terceira oficina, também trabalhamos com o texto de Ana Célia da Silva **A desconstrução da discriminação no livro didático**, em que afirma:

*Em relação à população negra, sua presença nesses livros foi marcada pela estereotipia e a caricatura, identificadas pelas pesquisas realizadas nas duas últimas décadas (SILVA, 2000, p. 16).*

SILVA (2000, pp. 18-21) considera preocupante a imagem negativa da população negra, pois afeta sua auto-estima. Visando desconstruir essa imagem a autora propõe:

- **Dar visibilidade da diversidade de papéis e funções exercidas por homens e mulheres negros** na sociedade, por meio de um desenho feito pelas crianças, contrapondo-se a visão do livro didático que, em geral, traz a população negra como escrava ou de forma subalterna. Trabalhar a história da luta contra a escravidão e as lutas do movimento negro hoje para mostrar seu desejo e luta pela liberdade;

- **A desconstrução do estereótipo da incompetência**, a representação do negro como pouco inteligente, “burro”, pelos meios de comunicação e materiais pedagógicos contribuem para o preconceito das crianças brancas em relação às negras e pode gerar nessas um sentimento de incapacidade, podendo levar ao desinteresse, à repetência e à evasão escolar. A autora propõe que os professores provoquem os alunos, peçam para que falem sobre quem vai bem nos estudos, e se entre os que vão bem houver crianças negras a situação real se oporá à representação. Propõe ainda que os alunos pensem em personalidades negras, como meio de visibilizar o positivo, contrapondo-se ao estereótipo. O importante nessas atividades é demonstrar que não existe correlação entre capacidade intelectual e cor da pele e formar atitudes favoráveis às diferenças.

- **Desconstruindo o estereótipo de feio, sujo e mau.** De acordo com a autora, a cor negra aparece com muita frequência associada a personagens maus. A criança que internaliza essa representação negativa tende a não gostar de si e dos que lhe assemelham. A autora propõe atividades que associam a cor negra a algo positivo como ébano, ônix, jabuticaba, café, petróleo, azeviche. Silva (2000) mostra o exemplo do livro Caminho Certo, 3ª série, p. 138 que tem a seguinte frase:

“[...] **querem ver que o demônio do negrinho tornou a cair...?**”

Em um trabalho de correção a frase ficou assim:

“[...] **querem ver que o garoto traquinas tornou a cair...?**”

No que se refere aos cabelos crespos das crianças afro-descendentes, que são identificados como “ruins”, Ana Célia Silva (2000) propõe que os professores trabalhem com os alunos a razão de ser dos diferentes tipos de cabelo e ensinem os alunos como tratá-los. Outra proposta é a realização de concursos de penteados afros.

O texto de Silva (2000) contribuiu sobremaneira com o grupo, na medida em que propõe sugestões práticas para o enfrentamento do racismo e da discriminação na escola. Mostrou a necessidade da busca de materiais alternativos, seja por meio da produção acadêmica, ou da produção do movimento negro nacional e local.

#### Oficina 4 : Profissão professor

A oficina quatro foi um momento para se pensar a tarefa do professor como profissional da educação. Assistimos ao vídeo “Profissão Professor”( Fita I), em que Paulo Freire fala das qualidades necessárias para ser professor:

- ter capacidade amorosa;
- ter humildade diante do tema e do aluno, não se julgar detentor da verdade;
- ser tolerante, respeitando o jeito “inacabado” do aluno, se disciplinar para não ser preconceituoso;
- ser coerente e dar seu testemunho pessoal, na busca pela igualdade;
- ter gosto pelo saber, querer compreender melhor todas as coisas;
- brigar pelos seus direitos, especialmente o de ganhar menos imoralmente.

Outro material utilizado nessa semana foi o texto de Lauro Cornélio Rocha “A questão etno-racial e a formação permanente dos(as) educadores (as)”, em que vincula a questão etno-racial à efetivação de um projeto de educação popular, inspirada no pensamento de Paulo Freire. Rocha afirma que:

*[...] não bastam propostas que visem o ingresso dos afrodescendentes na universidade, é preciso investimento na educação básica; quer*

*em políticas de formação permanente de educadores, uma vez que, a formação inicial é insuficiente, quer no fortalecimento de um movimento de reorientação curricular que entenda o currículo para além da grade curricular e contemple a discussão sobre a diversidade da sociedade brasileira* (ROCHA, 2002, p. 11).

Nessa semana, assistimos também ao filme “Kirikou e a feiticeira”. Trata-se uma história maravilhosa e excelente recurso pedagógico na perspectiva da discussão racial pretendida pelo curso. É um desenho que tem como centro o menino Kirikou que *é pequeno e tem seu valor*. O filme fala de tradições africanas, das relações de poder, da bondade e da maldade, da importância do reconhecimento do sujeito em uma comunidade.

#### **Quinta semana: Participação e parceria: fazer arte – ser parte da escola**

Nessa semana, os participantes apresentaram suas propostas de trabalho para a promoção da auto-imagem de crianças e adolescentes e para a superação do racismo.

Trabalhamos, também, a relação da escola com a comunidade. A proposta do curso aponta a necessidade de a escola trabalhar articulada com a família e a comunidade. As portas da escola devem estar sempre abertas.

Nessa discussão, uma diretora ressaltou a dificuldade de abrir a escola para a comunidade, tendo em vista a violência, a falta de estrutura e de pessoal para esse fim. Mesmo considerando essas dificuldades, o grupo concluiu que sem a comunidade seria mais difícil, e que muitas experiências exitosas têm a comunidade como aliada. A parceria da escola com a comunidade não deve ser apenas para a participação, mas para tomar as decisões. Além disso, há outra preocupação de que a escola não perca de vista a sua especificidade como lugar de produção e transmissão de conhecimentos.

Na luta pela superação do racismo, a escola deve fazer as parcerias necessárias e, nesse sentido, foi ressaltado o papel da Secretaria Municipal de Educação, dos Movimentos Negros de Uberlândia, da COAFRO, entre outros. É importante atentar-se para a cultura dos envolvidos e para a produção desses grupos. Assim, o livro de Jeremias Brasileiro **Congadas de Minas Gerais** (2001), o qual foi entregue para os participantes, representa uma ferramenta importante.

#### **Considerações finais**

As discussões nas oficinas e seminários apontaram a necessidade do reconhecimento, pela sociedade brasileira, de que o racismo existe e que é necessário combatê-lo. A educação tem um papel fundamental para a mudança, pois o racismo é uma construção histórica e o professor precisa ter as condições de enfrentamento para intervir adequadamente na realidade. Nesse sentido, os participantes foram unânimes em destacar a importância do curso, como espaço de reflexão coletiva, em busca de novos caminhos.

As discussões sobre cotas esteve presente em vários momentos das oficinas, e foi compreendida como parte da solução para acelerar o processo de transformação e como estratégia de curto prazo. Paralelamente, deve-se lutar para melhorar, significativamente, a escola pública, tornando-a inclusiva, lugar do respeito mútuo, da solidariedade, do convívio democrático entre os diferentes.

A plenária final do curso Ética, Cidadania e Relações Raciais deliberou pela criação de um Núcleo que encaminhará a discussão racial no município foi aprovada uma moção de apoio às cotas para afrodescendentes no ensino superior - e trabalhará para que o Curso continue,

<sup>2</sup> Disponível para locação na Sétima Arte Vídeo Locadora.

em Uberlândia, em 2003. Independente da questão de recursos, foi criado um grupo de estudos por uma das turmas da oficina para continuar a formação permanente dos professores e promover a superação do racismo nas escolas de Uberlândia.

De modo geral, este curso representa um marco significativo em busca da conquista da cidadania em nossa cidade. O nosso papel será de garantir a multiplicação das discussões aqui postas, bem como o seu aprofundamento. Os passos iniciais foram dados, esperamos, então, que não sejam interrompidos, mas, sim, acentuados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASILEIRO, Jeremias. **Congadas de Minas Gerais**. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2001.

CARNEIRO, Sueli. “Raça e educação”. **Cadernos de Educação**. Educação, Etnias e Combate ao Racismo – contribuição ao debate. Brasília: Núcleo de Educação, Cultura, Desporto, Ciência e Tecnologia da Bancada do Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, mar. 2001, p. 121-124.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 15ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FREI BETTO. **Alfabetto: autobiografia escolar**. São Paulo: Ática, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **A função social da escola**. Série Raízes e Asas. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Fita I - Kit do Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Desatando os nós com afeto**. Série Nós na Escola. Rio de Janeiro: Fundação Roquete Pinto/TVE. Fita II- Kit do Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ética**. Série Nós na escola. Rio de Janeiro: Fundação Roquete Pinto/TVE. Fita II- Kit do Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Experiências que vale a pena conhecer**. Ética e cidadania no convívio escolar: uma proposta de trabalho. 2001. Kit do Curso. 38 p.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Profissão professor**. Série Raízes e Asas. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária. Fita I - Kit do Curso.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Programa de Desenvolvimento profissional continuado: ética e cidadania no convívio escolar: uma proposta de trabalho**. 2001. Secretaria de Educação Fundamental. Kit do Curso. 138p.

ROCHA, Lauro Cornélio. **A questão etno-racial e a formação permanente dos (as) educadores(as)**. São Paulo, 2002 (texto mimeografado).

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO E COORDENADORIA AFRO-RACIAL. **Projeto do curso Ética, cidadania e relações raciais**. Uberlândia, 2002. 14 p.

SILVA, Ana Célia da. “A desconstrução da discriminação no livro didático”. In: MUNANGA, Kabengele. (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.